

O espaço como domínio de guerra

TENENTE GENERAL D.T. THOMPSON, USAF

CORONEL GREGORY J. GAGNON, USAF

MAJOR CHRISTOPHER W. MCLEOD, USAF



Nos últimos 70 anos, a Força Aérea dos EUA sempre teve uma posição vantajosa nas guerras em apoio a interesses nacionais vitais. A visão dos nossos primeiros militares fez com que a Força Aérea crescesse, reconhecendo o potencial de novos domínios de guerra e aplicando a tecnologia emergente para torná-los uma realidade. Desenvolvemos capacidades para obter e manter a superioridade aérea, garantindo o terreno vantajoso para proteger as Forças Armadas dos EUA e derrotar os adversários. Essas vantagens não nos foram entregues e sim conseguidas com o sangue, o sacrifício e a engenhosidade dos militares da Aeronáutica. Em 1982, foi criado o Comando Espacial da Força Aérea (Air Force Space Command - AFSPC) para preparar e normatizar as operações espaciais, reconhecendo a interseção de uma crescente dependência com uma maior vulnerabilidade do domínio espacial. Recentemente, a Força Aérea Americana liderou uma iniciativa de décadas para explorar o espaço integrando-o em combates de guerra conjuntos.

Em 1991, por exemplo, na Operação Tempestade no Deserto, quando as forças da coalizão derrotaram as forças iraquianas, a nação viu em primeira mão o poder da integração de operações no ar e no espaço. Embora o sistema de posicionamento global (GPS) não estivesse totalmente operacional, ele proporcionou eficaz precisão na navegação. Quando os mísseis SCUD do Iraque ameaçaram as forças da coalizão, militares inovadores descobriram uma maneira de melhorar os dados nos nossos satélites estratégicos de alerta de mísseis para localizar os mísseis inimigos e alertar sobre novos ataques. Finalmente, inteligência estratégica, vigilância e satélites de reconhecimento proporcionaram uma consciência situacional valiosa aos comandantes no campo de batalha em vastas distâncias operacionais.

Depois da Operação Tempestade no Deserto, a Força Aérea acelerou o trabalho de integração. Nós tivemos a visão e formamos equipes conjuntas de apoio espacial que levaram a educação sobre o espaço aos comandantes no teatro de operações. Nós ativamos uma divisão espacial na Escola de Armas da Força Aérea para desenvolver um grupo de oficiais de armas espaciais finalmente treinados na arte de empregar as armas no espaço ou obter efeitos de armas que cheguem lá. Finalmente, criamos um centro de operações espaciais conjunto para fornecer comando e controle (C2) das forças espaciais.

Como resultado da liderança da Força Aérea neste domínio crítico, as capacidades espaciais tornaram-se, de maneira sutil, parte de todas as operações militares, fornecendo uma grande vantagem estratégica e operacional para a nação e para nossos aliados. Nosso programa espacial de segurança nacional é de causar inveja ao resto do mundo; hoje, não há nada que façamos como uma força conjunta que não seja habilitado pelas capacidades espaciais. Sistemas espaciais nos permitem massificar ou concentrar ataques reduzindo danos colaterais. C2 e rede sincronizam forças amplamente dispersas e desagregadas estendendo nosso alcance operacional. Tudo isso reduzindo o intervalo de tempo necessário para produzir efeitos de combate decisivos em escala global.

As capacidades espaciais alimentam claramente nosso modo de vida americano e o modo americano de guerra. Elas aprimoram significativamente a vigilância global, o alcance global e o poder global da Força Aérea!

O imperativo—vencer as guerras que se estendem ao espaço

Como Força Aérea, temos muito orgulho de nossa capacidade de estar sempre presente onde necessário. No entanto, essa capacidade que possuímos de explorar as vantagens do domínio espacial, hoje não é mais algo que se tenha como garantido. Nossos potenciais adversários tiveram a oportunidade de sentar na primeira fila para observar e aprender com os muitos sucessos que alcançamos ao integrar os efeitos do espaço em combates de guerra conjuntos. Infelizmente, eles estão desenvolvendo rapidamente as capacidades, doutrinas, táticas, técnicas e procedimentos para nos tirar essa vantagem.

No futuro, nossos potenciais adversários terão a capacidade de manter em risco todos os nossos satélites de segurança nacional de importância crítica. Em seu discurso de posicionamento de 2016, o Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas informou que a Rússia está modernizando suas capacidades de medidas contra-espaciais para derrotar uma ampla gama de recursos espaciais baseados nos EUA, e ao mesmo tempo, procura garantir liberdade de ação a partir do espaço bem como através do domínio espacial. De maneira similar, o Gabinete do Secretário de Defesa informou ao Congresso em 2016 que a China continua a buscar uma gama diversificada e capaz de recursos contra-espaciais projetados para diminuir, degradar e prejudicar as capacidades espaciais de um adversário. Esses alvos são exatamente os recursos dos quais os EUA dependem para sustentar nosso alcance e poder global inigualável.

Os EUA não querem ver uma guerra que se estenda ao espaço porque ninguém vence essa guerra. Continuaremos buscando formas de evitar que isso aconteça, mas ao mesmo tempo não podemos ignorar as capacidades e a intenção declarada de potenciais adversários. A melhor maneira de evitar que a guerra se estenda ao espaço é preparar-se para essa possibilidade, impedir a ação agressiva no espaço e, se a dissuasão falhar, estar pronto para lutar e vencer. A segurança nacional dos EUA depende da nossa capacidade de fazê-lo, e a Força Aérea está liderando o caminho para esse fim.

Assegurar o futuro entendendo que o espaço é um domínio de guerra

Até recentemente, o consenso entre os formuladores de políticas mais experientes pressupunha um futuro de livre ação no espaço. Para mudar essa perspectiva herdada, o Departamento de

Defesa e a comunidade de inteligência prepararam os principais interessados na questão e fizeram um acordo com uma nova narrativa levando em conta as novas ameaças. Em parceria com o National Reconnaissance Office (NRO), a Força Aérea desenvolveu uma arquitetura espacial e um conceito de operações para atuar com sucesso no atual ambiente disputado. Este novo conceito de guerra no espaço é baseado no entendimento de que o controle do espaço fornece uma vantagem militar e, portanto, é um domínio de guerra disputado. Como outros conceitos de guerra inovadores das Forças Conjuntas, esse conceito deve alinhar as atividades operacionais com políticas e estratégias de alto nível, numa visão bottom-up, para ser mais efetivo na obtenção dos fins desejados.

Na Estratégia de Segurança Nacional de dezembro de 2017, os EUA articularam que é de interesse vital o acesso a operações espaciais com liberdade e sem restrições. Devemos apoiar esse pronunciamento com recursos projetados para proteger e defender o domínio do espaço. Portanto, é igualmente crítico que os requisitos atuais do sistema espacial e os processos de aquisição possibilitem um desenvolvimento rápido e eficaz e uma aplicação dessas capacidades que superem nossos adversários que avançam rapidamente. Conforme recomendado pela comissão que examina a administração e organização do espaço da Segurança Nacional dos Estados Unidos (Comissão Rumsfeld), em 2001 a Força Aérea encarregou o AFSPC da aquisição e das operações espaciais, o que se mostrou vital para o nosso sucesso. No entanto, precisamos simplificar ainda mais a aquisição para atender à velocidade da demanda. Essa racionalização exigirá a eliminação da inércia de processos e perspectivas burocráticas obsoletas.

A integração das capacidades espaciais através da nossa estrutura de plano de comando unificado do Comando Estratégico dos EUA (USSTRATCOM) com os Comandos de Combate Geográficos (GCC) ajudou muito os combatentes da nossa nação. Em 1o de dezembro de 2017, o USSTRATCOM reforçou essa estrutura com a designação de um comandante do componente espacial das forças conjuntas. Esse novo comando de oficial general quatro estrelas equipará o C2 das forças conjuntas espaciais com outros comandantes de componentes dos GCC de ar, terra e mar. Essa equiparação posiciona melhor a força conjunta para sustentar a tremenda integração das ações no espaço em combates conjuntos, ao mesmo tempo em que fortalece e equilibra as relações de comando para lutar e vencer se uma guerra se estender ao espaço. O Centro Nacional de Defesa Espacial (NSDC) é um componente relativamente novo para orquestrar operações conjuntas e atividades de todo o governo para a superioridade espacial.

O NSDC é mantido em parceria com o USSTRATCOM, com a comunidade de inteligência e com os NRO. Esse centro é projetado para garantir a superioridade do espaço das Forças conjuntas e da nação. Além disso, a equipe da NSDC inova, experimenta e testa novas ferramentas, métodos e procedimentos de espaço do C2 necessários para voar, lutar e vencer uma guerra no espaço. Esse centro de operações está nos ajudando rapidamente a entender melhor como vincular todas as partes interessadas para melhor defender as capacidades espaciais.

Na medida que treinamos e equipamos os militares da Força Aérea para prevenir e vencer uma guerra que possa se estender ao espaço, também precisamos reconhecer que os conceitos de guerra bem sucedidos incorporam princípios comprovados de vários domínios de guerra, como manobras, segurança e ataque. Semelhante a estruturas conceituais bem sucedidas de guerra do passado, como Batalha Aérea, o conceito de luta numa guerra que se estenda ao espaço deve incluir a neutralização da agressão, a tomada de iniciativa e o término do conflito em termos favoráveis aos interesses nacionais dos EUA. Comunicar e prover de recursos essa estratégia apenas fortalece nossa posição de dissuasão. A nação e os nossos combatentes não merecem nada menos. Nossa promessa sagrada deve ser garantir que nossos filhos e filhas continuem sendo os soldados, marinheiros, fuzileiros e aviadores mais bem equipados no campo de batalha.

Repetindo as famosas palavras do Gen Douglas MacArthur “A história do fracasso de guerra pode quase ser resumida em duas palavras: tarde demais. Tarde demais para compreender o propósito mortal de um inimigo em potencial. Tarde demais para perceber o perigo mortal.

Tarde demais para estar pronto.” Devemos prestar atenção a essas palavras. Proteger e defender nossas capacidades espaciais é um imperativo nacional. Assim como a Força Aérea vem fazendo nos últimos 70 anos, chegou a hora de liberar a extrema e inovadora genialidade dos nossos militares. Devemos continuar a desenvolver rapidamente novos conceitos operacionais de guerra e, ao mesmo tempo, organizar, treinar e equipar os militares da Força Aérea para assegurar nossa capacidade de impedir que nossos adversários estendam uma guerra ao espaço e, se necessário, ganhar decisivamente essa guerra. Ceder o terreno vantajoso não é o modo americano de guerra – no passado, agora ou nunca. □



Tenente General David “D. T.” Thompson, USAF. Tenente General Thompson (Sc.M., USAFA; Sc.M., Universidade Purdue; Sc.M., Escola de Comando e Estado Maior; Colégio Industrial das Forças Armadas) é o vice-comandante do Comando Espacial da Força Aérea (AFSPC), Pentágono, Washington, DC. Ele ajuda o comandante a organizar, treinar, equipar e manter prontas para missões as forças de espaço e ciberespaço, fornecendo alertas, posicionamento, navegação e sincronização de mísseis, comunicações e capacidades cibernéticas para o Comando Norte-Americano de Defesa Aeroespacial, Comando Estratégico dos EUA e outros comandos funcionais e geográficos de combate. General Thompson é um oficial de espaço de carreira com atribuições em operações, aquisição, pesquisa, desenvolvimento e ensino. Antes da posição que ocupa atualmente, General Thompson foi comandante de unidades de operações espaciais a nível de esquadrão, grupo e asa e também foi assistente especial do comandante do AFSPC na Base Aérea de Peterson, Colorado.



Coronel Gregory J. Gagnon, USAF. O Coronel Gagnon (Bel., Faculdade de Saint Michael; Sc.M., Escola de Pós-Graduação Naval; Sc.M., Colégio de Comando e Estado-Maior; Sc.M., Escola de Guerra) é diretor do Grupo de Ação do Comandante, Sede do AFSPC, na Base Aérea de Peterson. Nessa capacidade, ele é diretamente responsável perante o comandante por compromissos executivos, assuntos legislativos, estratégia, discursos e compromissos cívicos. O Coronel Gagnon é um oficial de inteligência de carreira com extensa experiência em inteligência, vigilância, operações de reconhecimento e ciberespaço. Anteriormente comandou o 495º Esquadrão Expedicionário de Inteligência e o 94º Esquadrão de Inteligência. O Coronel Gagnon é um oficial totalmente qualificado nas Forças-Conjuntas com missões realizadas no Comando Estratégico dos EUA e nas Forças Aéreas do Pacífico. Antes de sua missão atual, o Coronel Gagnon comandou o único grupo de operações ofensivas do ciberespaço da Força Aérea dos Estados Unidos - o 67º Grupo de Operações do Ciberespaço.



Major Christopher W. McLeod, USAF. Major McLeod (Bel., Universidade do Colorado; Sc.M., Escola de Pós-graduação Naval) é aluno da Escola de Comando e Estado Maior, Base Aérea Maxwell, Alabama. Sua experiência operacional inclui comando e controle por satélite, operações de mísseis balísticos intercontinentais e alerta de mísseis baseados em espaço. Ele serviu como chefe da Célula da Divisão Espacial de Operações de Combate, 609º Centro de Operações Aéreas, em apoio à Operação *Inherent Resolve and Freedom's Sentinel*. Antes de sua tarefa atual, o Major McLeod atuou no Grupo de Ação do Comandante do AFSPC.